



Carta ao escritor **Ricardo Guilherme Dicke**

post mortem epistolium
(carta póstuma)



Glauber Lauria

Glauber Lauria é formado no curso superior de tecnologia em teatro com ênfase em dramaturgia na MT Escola de Teatro - UNEMAT, mestrando pelo PPGEL/UNEMAT. Tem três livros de poesia publicados, sendo dois deles Não Te Desesperes Cariátide e Jardim das Rosas em Caos, ambos por sua editora Kylix. Já saiu em três antologias pelo país e foi publicado por alguns periódicos como: Grifo, Sina, Acre, AMEOPoEMA, Expresso Araguaia, entre outros.

glaubber.lauria@unemat.br

Compadre, vengo sangrando,
desde los puertos de Cabra.
Si yo pudiera, mocito,
este trato se cerraba.
Pero yo ya no soy yo,
ni mi casa es ya mi casa.

Federico García Lorca

Caro Ricardo,

Quando imerso nos confins modorrentos dos sertões de Mato Grosso soube-me as mãos o volume de *O Salário dos Poetas*, não sabia, não esperava, jamais poderia imaginar, que havia nas paragens do estado em que nasci um autor de tal excelência e que serias tão crucial em meus desterrados caminhos...

Abismei-me nos diálogos do cozeiro *Caravajó Luís* e do professor *Floristelo Frois* sob a égide épica do *Bar Nínive* em *Portos de Cabra*.

Há sobre este livro um desdobramento de valor alegórico e literário que creio vale ser narrado: deslindando-me em deslavados elogios sobre a obra, um aedo cá dessas bandas que aqui não se assenta o nome, colocou em dúvida a pertinência magnificente de minha crítica; em Cuiabá adquiri um exemplar e enviei-o sob o juço de que se não fosse o livro o que sobre ele dissera, cairia eu em seu conceito como leitor; e qual não foi minha soberba surpresa ao receber do dito bardo uma carta em que o comparando a *Liev Tolstói*, lhe apregoava o apodo de "Leão das letras Mato-grossenses"...

Durante a III Feira Latino Americana do Livro, lançastes *Toada do esquecido* & *Sinfonia Equestre* na capital de nosso culturalmente famigerado estado e, em uma improvisada roda de autores (onde constavam Antônio Sodrê, Eduardo Ferreira, Juliano Moreno...) após a sessão de autógrafos, sendo-lhe apresentado dirigi-me a vossa pessoa dizendo ser *O Salário dos Poetas* um dos grandes romances que havia lido em minha curta vida; destes de ombros, incrédulo e desconfiado e eu, sem saber o que dizer, comecei a enumerar grandes autores outrora por mim devorados: latinos, russos, americanos, franceses, brasileiros, etc. e, à medida em que o fazia sua alta envergadura física ia descendo à minha baixa estatura literária, quando tornei a repetir que sim, achava *O Salário dos Poetas* um dos graaaaandes romances e você pediu para ver quais livros eu sustentava nos braços durante esse breve diálogo, entre os vários títulos recém adquiridos um lhe fez sibilar a vista: *Aurélia*, de Gérard de Nerval e, por entre stands àquela hora fechados, levei-o até onde o havia comprado...

Neste mesmo dia estreava a adaptação para o teatro de Amaury Tangará, do livro que tanto me fascinara; recorde de vê-lo à saída da peça com elegante camisa carmim, em companhia de Adélia Boscov e, mesmo desejando tanto voltar a falar contigo, parecia-me imensa a sua solidão e aquele fundo negro em que esperam apenas duas silhuetas num carro, tinha algo da escola tenebrista do amado barroco de que tanto gostavas...

Encontrastes o *Último Horizonte* em dois mil e oito e eu outra vez pairava sob as paragens interioranas de nossos insondáveis sertões quando a notícia resvalada em rádio foi-me narrada por já nem me lembro quem. Foi silêncio o que caiu e calou neste vosso execrado leitor. Foi como o estridular do último estribilho, foi como aquele momento em que a ópera finda e a plateia ainda não explodiu em palmas. Foi como nos grandes momentos sinfônicos de

que seus livros estão repletos, pois se Beethoven *cest mort*, ainda reverbera em nossos ouvidos os acordes da Nona... Aquele momento não o sabia eu que seria uma voz no coro dos que o estudam, mas agora que o sei, posso dizê-lo, o que destes-me desde sempre foi, é, e será: **A CHAVE DO ABÍSSMO.**

O sinal de Caim distingue as almas danadas de sede do que Eça chamava, a *choldra ignóbil*. Em teu primeiro e premiado romance já o anunciavas, *Deus de Caim*. *Le cheval noir de la nuit*, tua leitura é hipocrene para raros. Teus pares possuem a universalidade das tempestades. E se a ignota Raizama onde nascestes ignora que pariu um filho tão imortal quanto *Páris*, sagro na praça desta carta, no solo deste hebdomadário, teu busto em bronze cinzelado, cavaleiro eterno da ordem das Letras e Artes...

O arcabouço de teus arabescos literários, a *trompe l'oeil* de teus vertiginosos obeliscos, toda a arquitetura de tua barroca catedral, arroja-se sinuosa em volutas prismáticas fazendo com que suas rochas ornem de rosáceas o silêncio desses espaços infinitos nas sábias palavras de Blaise Pascal.

A orquestra sinfônica da polifonia de vossas palavras ainda reverberará no opaco palco deste ordinário e dantesco teatro...

Obrigado Dicke.

Um abraço, caro Ricardo.

Glauber Lawria